



**“COISA DE PRETO”: DISCUSSÕES SOBRE RAÇA, RACISMO E
REPRESENTAÇÃO A PARTIR DA GRIFE LAB**

Jaine Araújo da Silva¹

Francielle Maria Modesto Mendes²

RESUMO

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa monográfica que está em andamento. O presente artigo considera a moda como instrumento de expressão de ideias e valores sociais, por isso busca-se estudar as representações construídas acerca de negros em um *corpus* composto por 20 textos, extraídos de veículos de circulação nacional, caso dos sites da *Elle*, *Vogue*, *Estadão* e *Folha de São Paulo*. Esse conteúdo noticioso estudado discute sobre a participação da grife Lab no maior evento de moda do Brasil, o São Paulo Fashion Week (SPFW). A pesquisa se justifica, pois é necessário compreender como o racismo perpassa diversas áreas da sociedade, apesar do discurso pacífico e de negação do brasileiro, que na prática exclui o negro de espaços elitizados. Nesta primeira fase da pesquisa, o trabalho investiga como as representações são construídas e fixadas, com base em Hall (2016). Além disso, visa entender a racialização como suporte para as representações. Por fim, apresenta-se o racismo enquanto prática resultante dessa racialização, de acordo com as ideias de Schwarcz (2012).

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo. Moda. Negros. Representação.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é um recorte de uma pesquisa monográfica que está em andamento. O presente artigo considera a moda como uma instituição “altamente problemática, uma realidade sócio histórica característica do Ocidente e da modernidade” (LIPOVETSKY, 2009, p.11). Assim, a pesquisa monográfica se propõe a estudá-la como instrumento de expressão de ideias e valores de determinada sociedade. O enfoque será dado à participação de uma grife considerada diferente das demais em desfiles na 42^a, 43^a e 44^a edição do maior evento de moda do Brasil, o São Paulo *Fashion Week* (SPFW), conforme Hinerasky (2006). Criada

¹Acadêmica do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Acre. Email: araujojaine7@gmail.com.

²Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal do Acre. Email: franciellemodesto@gmail.com.



Revista Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

pelos irmãos músicos Emicida e Fióti a partir do selo Laboratório Fantasma, a marca Lab é vista como diferente e diversa no universo da moda brasileira, por carregar mensagens de resistência e luta já defendidas pelo *rapper* Emicida nas letras de suas canções:

A gente sempre entendeu que a roupa era uma continuidade do que a gente fazia na música, tá ligado? Isso desde o primeiro momento. Então, as mesmas histórias que nós tava levando pro ouvido das pessoa, pro coração das pessoa, pra mente das pessoa, tudo aquilo que a gente tava construindo, a gente começou a entender rapidão, mano, que aquilo podia tá no vestuário das pessoas. (LABORATÓRIO FANTASMA, 2016)

O ponto mais importante é que 90% do seu *casting*³ é formado por modelos negros, algo totalmente incomum no mundo *fashion*, mesmo em eventos de moda em um país composto em sua maioria por pretos e pardos, como é o caso do Brasil. Em suas três participações no São Paulo *Fashion Week*, a Lab carregou características de diversidade, sobretudo no que diz respeito à raça, gênero e tamanho dos corpos — uma parcela dos modelos enquadra-se no que se convencionou chamar de tamanho *plus size*.

Deste modo, o presente trabalho é uma revisão de literatura, base para a pesquisa monográfica que visa abordar a moda como um instrumento que revela facetas da sociedade à qual está vinculada. Para isso, encontram-se no jornalismo narrativas capazes de apresentar pistas de como as representações acerca dos negros são construídas. Assim, a problemática levantada é: quais as representações construídas pelos veículos *Folha de São Paulo*, *Estadão*, *Elle* e *Vogue* sobre a figura do negro nos desfiles da marca Lab na última edição da SPFW de 2016 e nas duas edições do evento em 2017?

Nesse sentido, o objetivo geral a ser alcançado pela monografia é a análise 20 matérias dos sites *Estadão*, *Folha de São Paulo*, *Elle* e *Vogue* buscando entender as representações sobre o negro nesses veículos de comunicação. Já os objetivos específicos são: compreender o conceito de Representação, principalmente relacionado à questão da raça; estudar em que medida a moda é capaz de expressar características e tendências socioculturais; e investigar como o jornalismo constrói representações sobre os negros nos referidos veículos de

³De acordo com definição do site da Forum *Model* Brasil, essa palavra se refere à seleção de modelos feita a partir do perfil exigido pelo cliente. A empresa/cliente entra em contato com a agência que faz essa seleção de acordo com os modelos que têm à sua disposição. Disponível em: <<http://www.forummodel.com.br/blog/o-que-e-e-como-funcionam-os-castings/>>. Acesso em: 24 out. 2018.

comunicação, analisando as matérias coletadas a partir da perspectiva dos Estudos Culturais. Vale ressaltar que nesta etapa da pesquisa, apenas o primeiro objetivo específico foi alcançado.

As matérias seguem o espaçamento acima relacionado devido à sua escrita ser feita sempre próximo à realização do São Paulo *Fashion Week*, sempre com duas edições a cada ano. Deste modo, a marcação temporal se deu tendo em vista a abordagem da participação da grife no evento. Em se tratando das matérias analisadas neste trabalho, de modo geral, pressupõe-se que a marca é vista de forma positiva. Aparentemente, os textos mostram que a presença de uma grife com *casting* majoritariamente negro é vista como uma iniciativa inovadora e representativa da população brasileira. Entretanto, com a aplicação da teoria dos Estudos Culturais sobre os resultados da análise busca-se investigar de forma mais profunda as representações construídas sobre os negros por estes veículos.

Em se tratando da corrente teórica escolhida para embasar a análise das matérias, optou-se pela utilização dos Estudos Culturais, pois eles “delineiam o modo como as produções culturais articulam ideologias, valores e representações de sexo, raça e classe na sociedade, e o modo como esses fenômenos se inter-relacionam” (KELLNER, 2001, p.39). O conceito trabalhado aqui é o de representação, com base em Hall (2016), definido como “a produção do significado dos conceitos da nossa mente por meio da linguagem” (HALL, 2016, p.34). Nesse sentido, entende-se que esse suporte teórico é ideal para analisar o *corpus* selecionado, chegando aos objetivos propostos.

A escolha dos *sites* da *Elle* e da *Vogue* se deve ao fato de serem os principais do segmento de moda e comportamento do país. De acordo com Flores (2011), a revista *Vogue* surgiu em 1892, nos Estados Unidos, criada por Arthur Baldwin Turnure. Enquanto a versão brasileira teve início em 1975. Já a revista *Elle*, criada em 1945 por Pierre Lazareff e Hélène Gordoné, é de origem francesa. No Brasil, foi publicada de 1988 até 2018.

A autora destaca que a revista *Vogue* só criou um *site* com conteúdo feito especificamente para o meio *online* em outubro de 2010. Segundo o Mídia Kit 2018, o *site* tem 4,2 milhões *Unique Visitors*⁴ e 14,7 milhões *Page Views*. Já a revista *Elle Brasil*, que

⁴De acordo com a definição do site Websinder (2003), o *unique visitor* (ou visitante único) não revela a frequência de acessos, mas a quantidade de IP (*Internet Protocol*) ou id de *cookie* (arquivo enviado pelo site para



Revista Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

mantinha *site* com conteúdo exclusivo para o *online* havia pelo menos uma década, possuía este ano 669 mil visitantes únicos e 941 mil visualizações.

Já a *Folha de São Paulo* foi criada em 1921 com o título *Folha da Noite*. Atualmente possui 224 milhões de *Page Views* e 32 milhões de *Unique Visitors*. Enquanto *O Estado de São Paulo*, ou simplesmente *Estadão* possui 80,7 milhões *Page Views* 8,7 milhões de *Unique Visitors* e existe desde 1875, inicialmente chamado *A província de São Paulo*.

Os dois últimos veículos apresentados têm um viés diferente dos primeiros, são mais voltados para a produção de conteúdo jornalístico diverso. Essa diferença entre os veículos pode ser útil para entender se há também uma abordagem diferente de veículo para veículo. Os números elencados anteriormente mostram que os quatro veículos selecionados atingem a um público de mais de 45 milhões de pessoas. Assim, compreende-se a relevância de optar por eles quando se leva em conta não apenas seu alcance, mas sua capacidade de, por meio da publicação de matérias, construir e desconstruir representações sobre os sujeitos expostos.

A pesquisa se justifica, pois é necessário compreender como o racismo perpassa diversas áreas da sociedade, apesar do discurso pacífico e de negação do brasileiro, que na prática exclui o negro de espaços elitizados. De acordo com o Censo Demográfico (2010), divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), pretos e pardos somam 50,9% da população brasileira — um total de 97.171.614 pessoas. Segundo o estudo, pretos representam 7,5% da população, enquanto pardos, 43,4%. Esses dados são corroborados pela última Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), referente ao segundo trimestre de 2018. O levantamento aponta que 46,2% das pessoas em idade de trabalhar, ou seja, pessoas com 14 anos ou mais, se declararam pardas. Já as autodeclaradas pretas são 9,3%. Os dados mostram um aumento na quantidade de autodeclarados pretos, que eram 7,4% no início da pesquisa, em 2012, enquanto pardos eram 44,5%.

Apesar do ainda forte discurso defendido no Brasil como o paraíso das três raças e da miscigenação como um processo pacífico, este é um país com fortes características racistas, desenvolvendo o que Schwarcz (2012) chama de “racismo *à la* brasileira”: “estamos envolvidos num país de uma ‘boa consciência’ que nega o preconceito ou o reconhece como mais brando” (SCHWARCZ, 2012, p.30). Dito de outro modo, o brasileiro, não admitindo sua propensão a atitudes racistas, apresenta um preconceito racial que perpassa todas as estruturas



da sociedade e, apesar de reconhecer a existência do racismo, sempre o coloca sob responsabilidade do outro.

Devido a isso, o negro sempre aparece em condições inferiores ao branco e, apesar de pretos e pardos somarem mais da metade da população brasileira — 55,5% da população de acordo com a última PNADC —, a presença dessa parcela da sociedade em espaços de grande visibilidade e positividade — como nos programas de televisão, telenovelas, propagandas e desfiles de moda, como é o caso do objeto de estudo aqui proposto — é insignificante, se comparada à presença dos brancos.

Nesse sentido, entende-se que o São Paulo *Fashion Week* é apenas mais um espaço elitizado e padronizado tendo o branco como figura central e única. O evento segue, então, a lógica estrutural construída historicamente no país, ignorando a existência do negro. Este, por sua vez, é visto como diferente nesse espaço. Sendo assim, considera-se importante entender como o negro é representado por grandes veículos de comunicação que discorrem sobre Moda no Brasil.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 REPRESENTAÇÃO E LINGUAGEM: DA PRODUÇÃO DE SENTIDOS À ESTEREOTIPAGEM

De acordo com Hall (2016), a representação permite a produção de significados por meio da linguagem. De modo que conceitos e linguagem se relacionam possibilitando a referência “ao mundo ‘real’ dos objetos, sujeitos ou acontecimentos, ou ao mundo imaginário de objetos, sujeitos e acontecimentos fictícios” (HALL, 2016, p.34). Essa afirmativa demonstra que este é um processo que permeia todas as relações e produções humanas, a forma como se percebe o mundo e, sobretudo, se interpreta tudo aquilo que é produzido pelo homem, seja no campo material, seja no simbólico.

A linguagem é onde as representações existem e recebem atribuições de sentidos. Ela permite que haja diálogo entre diferentes pessoas e faz com que estas compartilhem sentidos e interpretem o mundo de maneira semelhante, pois “opera como um sistema representacional”



Revista Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

(HALL, 2016, p.18). Por meio da linguagem é possível representar sentimentos, ideias e pensamentos. Mas, para que haja compreensão parecida ou igual por parte de diferentes sujeitos, é necessário que estes tenham o mesmo mapa conceitual, ou seja, partilhem da mesma cultura⁵, entendendo, dessa forma, o mundo de modo parecido, atribuindo aos signos os mesmos sentidos. Entende-se, assim, que somente por meio da linguagem pode haver comunicação:

A vantagem da linguagem é que nossos pensamentos sobre o mundo não precisam permanecer silenciosos e exclusivos a nós. Podemos traduzi-los na linguagem, fazê-los “falar” por meio do uso de signos que respondem por eles — e então nós falamos, escrevemos, comunicamos a respeito deles para outros. (HALL, 2016, p.110)

Os signos estão dentro das linguagens e são “palavras, sons ou imagens que carregam sentido. Eles indicam ou representam os conceitos e as relações entre eles que carregamos em nossa mente e que, juntos, constroem os sistemas de significados da nossa cultura” (HALL, 2016, p.37). No trabalho em questão serão analisados textos, ou seja, o signo estudado é a palavra – signo indexical, aquele que não se parece com o objeto ao qual se refere. Sua relação com esse objeto é arbitrária, segundo o autor, já que cada idioma vai usar um conjunto de letras diferentes para se referir a uma árvore, por exemplo. Assim, compreende-se que as palavras podem ser usadas para construir representações bem específicas e variadas sobre quaisquer sujeitos ou objetos, a depender dos objetivos pretendidos por quem as constroem.

Os sentidos, por sua vez, são construídos e, posteriormente, fixados social e culturalmente, por meio dos sistemas de representação. Logo, entende-se que o sentido não é fixo, não está no próprio objeto, pessoa, coisa ou palavra, é fruto de uma construção tão fortemente elaborada que “depois de um tempo, ele parece natural e inevitável” (HALL, 2016, p.41). Desta forma, compreende-se que o sentido é algo fluido, mutável e está em constante movimento, podendo ser modificado, como confirma o autor: “Ele é construído,

⁵Sempre que referir-se ao termo “cultura”, este trabalho está partindo do entendimento dela como “tudo que seja característico sobre o ‘modo de vida’ de um povo, de uma comunidade, de uma nação ou de um grupo social” bem como aos “valores compartilhados” de um grupo ou de uma sociedade” (HALL, 2016, p.19). Ou seja, não há aqui um pensamento que a separe entre “alta” e “popular”. Assim, concorda-se com a definição do autor de que a cultura não é apenas conjunto de coisas, mas sim de práticas de determinada sociedade.



Revista Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

produzido. É o resultado de uma prática significativa — uma prática que produz sentido, que faz os objetos significarem” (HALL, 2016, p.46).

Embora o significado flutue, de acordo com Hall (2016), constantemente, por meio dos diversos tipos de linguagem, são feitas tentativas de fixação dos sentidos de determinados signos com o objetivo de trabalhar diferentes práticas representacionais, que acabam por limitar o sujeito representado, já que, para que essa fixação de significado ocorra, é necessário que sejam deixados de lado todas as outras possibilidades de sentidos.

Uma dessas possibilidades de práticas representacionais é a estereotipagem. Ela possui efeito essencializador e acaba reduzindo os sujeitos e grupos representados a poucas características simples e essenciais, tratadas como naturalmente fixas. Compreende-se que a estereotipagem é utilizada para classificar pessoas segundo uma norma e, assim, definir os diferentes e, posteriormente, excluídos como o “Outro”.

Para isso, são necessárias algumas etapas. A primeira delas é reduzir o sujeito representado. Quem representa se apossa de poucas características sobre a pessoa ou grupo representado. Depois, essas características são exageradas e simplificadas. A primeira etapa mostra que “a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a ‘diferença’” (HALL, 2016, p.191). A segunda etapa é separar o que é “normal e aceitável do anormal e inaceitável” (HALL, 2016, p.191) e excluir o que fugir a essa regra, o que é diferente.

Assim, entende-se que, por meio desse movimento de fechamento e exclusão, a estereotipagem existe para fixar não um significado qualquer, mas uma diferença pensada e elaborada a partir daquilo que é aceitável, padronizado e normatizado pelas construções sociais e culturais pré-estabelecidas. Ela contribui com a manutenção da ordem simbólica, sempre em um movimento de superioridade/inferioridade:

Ela estabelece uma fronteira simbólica entre o “normal” e o “pervertido”, o “normal” e o “patológico”, o “aceitável” e o inaceitável”, o “pertencente” e o que não pertence ou é o “Outro”, entre “pessoas de dentro” (*insiders*) e “forasteiros” (*outsiders*), entre nós e eles. (HALL, 2016, p.192)

A estereotipagem está mais propensa a ocorrer onde existem significativas desigualdades de poder, para Hall (2016). Este é dirigido contra um grupo subordinado ou



excluído e é aqui entendido como simbólico e cultural, ou seja, representar o negro sob uma perspectiva de estereótipos é o exercício deste poder.

No presente trabalho, entende-se o sujeito negro em situação de subordinação em relação aos brancos na sociedade brasileira, embora pretos e pardos sejam a maioria da população do país. Entretanto, parte-se da ideia de que o poder circula (FOUCAULT, 1989 *apud* HALL, 2016), ou seja, os grupos colocados como subalternos não apenas são influenciados pelo poder do hegemônico, aqueles estão inseridos nessa dinâmica de produção e circulação de poder tanto quanto estes.

2.2 RACIALIZAÇÃO DO “OUTRO”: A DIFERENÇA COMO PANO DE FUNDO PARA AS REPRESENTAÇÕES

De acordo com Hall (2016), a construção de ideias ocidentais sobre “raça” e as imagens sobre a diferença racial foi fortemente influenciada por três acontecimentos históricos: o primeiro deles ocorreu no século XVI, o contato entre comerciantes europeus e reinos da África Ocidental, que resultou nos processos de escravidão mundo afora. O segundo foi o Novo Imperialismo, a colonização e partilha da África entre potências europeias. Por fim, as migrações pós-Segunda Guerra Mundial do “Terceiro Mundo” para a Europa e América do Norte.

O autor defende que a diferença está marcada e “fala”. Desse modo, sujeitos considerados diferentes de um grupo que tem maior poder acabam sendo expostos a formas binárias de representação, sendo representadas por extremos opostos em relação ao grupo hegemônico: “bom/mau, civilizado/primitivo, feio/excessivamente atraente, repelente por ser diferente/cativante por ser estranho e exótico” (HALL, 2016, p.145). Esta forma de entender a diferença é proveniente dos estudos da linguística, defendidos por Saussure. Entretanto, Hall (2016) apresenta alguns pontos negativos dela. Entre eles está o fato de esse binarismo ser reducionista, visto que simplifica essa diferença. Além disso, Derrida (1972 *apud* HALL, 2016), ressalta que sempre existe uma relação de poder nessa forma de construir a diferença, de modo que um extremo é superior ao outro.



Revista Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

A segunda abordagem apresentada pelo autor tem um viés mais social. Defendida por Mikhail Bakhtin, essa interpretação mostra que a diferença é elemento fundamental para que o significado exista, ou seja, “o ‘Outro’, em suma, é essencial para o significado”. (HALL, 2016, p.155). O significado para ele só pode existir a partir do diálogo com o “Outro”. O terceiro tipo de abordagem é antropológico. Para esta forma de interpretar, a diferença é “a base da ordem simbólica que chamamos de cultura” (HALL, 2016, p.156). Os sistemas classificatórios são ordenados de modo a significar o mundo dos grupos sociais (DOUGLAS, 2014 *apud* HALL, 2016). Assim, a colocação de coisas na categoria errada perturba a ordem cultural. É para evitar que isso ocorra que existem os limites simbólicos. A quarta perspectiva é psicanalítica. Baseada nas ideias de Freud e Lacan, a abordagem defende que a subjetividade do sujeito só pode ser construída a partir das relações simbólicas com o “Outro” que está fora de si, logo, é diferente.

As oposições binárias são frequentes na marcação da diferença racial. No que se refere às características biológicas, essa marcação é forte, simbolizando os diversos “tipos” de humanos. Enquanto os brancos sempre aparecem relacionados a características voltadas ao intelecto — “requite, aprendizagem e conhecimento, crença na razão, presença de instituições desenvolvidas, governo formal, leis e ‘contenção civilizada’ em sua vida emocional, sexual e civil” (HALL, 2016, p.167-168), negros são associados a “tudo o que é instintivo — a expressão aberta da emoção e dos sentimentos em vez do intelecto, falta de ‘requite civilizado’ na vida sexual e social, dependência dos costumes e rituais e falta de desenvolvimento de instituições civis” (HALL, 2016, p.168). Dessa forma, percebe-se a construção da diferença entre brancos, ligados à Cultura, e negros, associados à Natureza.

Essa redução das características dos negros à natureza é uma estratégia de fixação da diferença, seguindo o seguinte raciocínio: “se as diferenças entre negros e brancos são ‘culturais’, então elas podem ser modificadas e alteradas. No entanto, se elas são ‘naturais’ [...], estão além da história, são fixas e permanentes” (HALL, 2016, p.171). Deste modo, seguindo esta estratégia, está pronto o terreno para a construção e fixação de representações, como é o caso da estereotipagem, que fecham um discurso sobre determinado grupo ou sujeito não admitindo a possibilidade de enxergá-lo de modo diferente. Assim, por meio desta estratégia, os negros foram “não apenas representados em termos de suas características



essenciais. Eles foram reduzidos à sua essência” (HALL, 2016, p.173), que muitas vezes se refere apenas às suas características físicas — lábios grossos, cabelos crespos, rosto e nariz largos etc.

O autor denomina “regime racializado da representação” (HALL, 2016, p.175) os vestígios dos estereótipos raciais. Ele propõe-se a mostrar como o negro foi inserido no cinema norte-americano a partir de uma análise feita por Dyer (1986) sobre a temática. Somente na década de 1960, o negro conseguiu superar o regime citado anteriormente, na figura de Paul Robeson, um ator que estrelou entre 1924 e 1945. Mas isso só foi possível graças a algumas características: talento musical, voz sonora, inteligência, presença física e estatura, simplicidade, sinceridade, charme e autoridade. Tendo como base esta análise, Hall (2016) afirma que “a intensidade emocional e a ‘autenticidade’ dos artistas negros ofereciam uma sensação genuína das tradições folclóricas do povo negro” (HALL, 2016, p.184).

Somente nas décadas de 1980 e 1990, os negros conseguiram chegar ao *mainstream* do cinema norte-americano, ocupando também espaços na TV. Na mesma época, houve o crescimento de uma subclasse negra com a expansão dos guetos e, a partir disso, a autoconfiança afirmativa desses grupos ganhou força na luta por respeito à identidade cultural negra, significativamente expressa pelo visual *street-style* e pelo “*rap* negro” (HALL, 2016, p.189). Esse pequeno recorte histórico mostra que as representações acerca do negro, em sua maioria, foram construídas com base no essencialismo focado em suas características físicas e em estereótipos construídos não por acaso, mas devido a toda a estrutura presente na sociedade norte-americana. Porém, com o passar do tempo e depois de muita resistência, os negros conseguem, paulatinamente, conquistar espaços e, conseqüentemente, construir novas representações acerca de si.

2.3 RACISMO NO BRASIL: UM PROBLEMA PARA CHAMAR DE SEU

De acordo com Schwarcz (2012), o tema “raça” nunca foi neutro no Brasil, de modo que a mestiçagem aparentava comprovar a falência da nação. Segundo a autora, as teorias deterministas raciais datam do século XVIII, mas antes disso o termo “raça”, criado no século XVI, significava “grupos ou categorias de pessoas conectadas por uma origem comum”



Revista Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

(SCHWARCZ, 2012, p.20), ou seja, não se referia necessariamente a uma ordem natural. Conforme Schwarcz (2012), mesmo adotando essa visão sobre o termo, muitos autores insistiam na busca pela naturalização das diferenças, fazendo de questões políticas e históricas dados inquestionáveis e, assim, construindo a noção de inferioridade dos negros.

Dessa forma, entende-se o termo “raça” como uma construção histórica e social que, para além da definição biológica, abarca a questão cultural, e é considerado por Schwarcz (2012) como um marcador social de diferença:

Raça é, pois, uma categoria classificatória que deve ser compreendida como uma construção local, histórica e cultural, que tanto pertence à ordem das representações sociais — assim como o são fantasias, mitos e ideologias — como exerce influência real no mundo, por meio da produção e reprodução de identidades coletivas e de hierarquias sociais politicamente poderosas. (SCHWARCZ, 2012, p.34)

Desse modo, compreende-se que a raça pode ser utilizada como instrumento para a construção e fortalecimento do preconceito, que significa: “fazer da diferença (seja ela racial, de gênero, de região, de classe) algo mais do que efetivamente é. Em outras palavras, implica valorizar negativamente certos marcadores sociais de diferença e incluir neles uma análise moral” (SCHWARCZ, 2012, p.76).

O racismo brasileiro possui características peculiares. De um modo geral, pode-se compreender que o racismo praticado no Brasil, em compensação a uma discriminação mais descarada, se mostra nas entranhas da sociedade e da cultura, marcado por uma forte naturalização de qual é o lugar do branco e qual é o lugar do negro. Schwarcz (2012) considera que em terras brasileiras o racismo é uma prática sempre atribuída ao “outro” e, além disso, é visto como brando, provocando uma sensação de que no país existe uma “harmonia racial” (SCHWARCZ, 2012, p.30). Dessa forma, ao invés de se buscarem alternativas para tratar o problema, ele é ignorado e, portanto, não existe uma busca por entendê-lo e solucioná-lo.

Esse “racismo *à la* brasileira” (SCHWARCZ, 2012, p.34) foi constituído historicamente, desde o processo de miscigenação. Apesar de a ideia do paraíso das três raças ter sido e ainda ser defendida de forma extremamente romantizada, sabe-se que não foi nada pacífica, pelo contrário, foi marcada por violência e objetivava embranquecer a população,



alcançando um suposto avanço — seguindo as ideias evolucionistas que colocavam o negro enquanto sujeito primitivo, de modo que o branqueamento da escala de cores simboliza evolução: “Quanto mais branco melhor, quanto mais claro mais superior [...] se vê no branco não só uma cor mas também uma qualidade social: aquele que sabe ler, que é mais educado e que ocupa uma posição social mais elevada” (SCHWARCZ, 2012, p.44).

Esse embranquecimento também se dá num sentido mais figurado à medida em que certas condições são capazes de tornar um indivíduo mais ou menos branco. Se uma pessoa tem pele escura, mas tem nível superior, enriquece, conquista fama, sucesso e destaque diante da sociedade, isso a torna mais branca. Para abordar essa ideia, Valle e Silva (*apud* SCHWARCZ, 2012) utiliza o termo “raça social”, capaz de explicar que as diferenças entre a cor autodeclarada e a cor atribuída pelo outro aos sujeitos está relacionada também com fatores econômicos e sociais.

Em contrapartida, a mestiçagem acaba se tornando “um traço positivo da nossa singularidade” (SCHWARCZ, 2012, p.62) já que, unindo práticas culturais — a capoeira, o samba, a culinária, a escolha de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, uma santa meio branca, meio negra, como padroeira do Brasil —, a ideia de identidade brasileira foi sendo construída. Apesar das canções de samba demonstrarem muito orgulho da variedade de cores existentes em terras brasileiras, a raça continua sendo ignorada: “a canção popular é assimilacionista no plano da cultura, mas confirma o racismo e as formas de discriminação no terreno do privado” (SCHWARCZ, 2012, p.66). Desse modo, entende-se que enquanto existe no público uma busca constante pela construção de uma ideia de democracia em que preto, branco e mestiço se misturam e são iguais, no campo privado o racismo continua existindo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do trabalho, pode-se concluir que o racismo brasileiro tem como uma de suas peculiaridades a negação. Ela impede que o enfrentamento e uma consequente busca por mudanças sejam feitos diante do cenário forjado e reforçado historicamente. Esse movimento de negação é problemático, visto que, negando que se reproduzem ações racistas, não há como ao menos tentar entender ou resolver o problema. Assim, segue-se o raciocínio: se as



Revista Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

práticas racistas não são exercidas por mim, logo, a responsabilidade por evitá-las não é minha. Nesse sentido, a construção de práticas representacionais como a estereotipagem é constante, congelando ideias e representações sobre os sujeitos negros.

Vale ressaltar que tais representações, construídas a partir de interesses de grupos dominantes, tendem a mostrar o negro como diferente. Diferença essa que o constrói como inferior. A construção e a interpretação de representações é um constante exercício que permeia todas as relações humanas e que tem ainda maior impacto quando feita em matérias jornalísticas veiculadas em *sites* de grande alcance, como é o caso de *Elle*, *Vogue*, *Estadão* e *Folha de São Paulo*. Nesse sentido, a análise de textos produzidos e divulgados nesses veículos que tratam da temática Moda permite que se compreenda como as representações acerca dos negros são construídas e o que elas significam para além de uma abordagem voltada à estética dos desfiles em que se insere a marca Lab.

Ademais é possível concluir que a Moda, enquanto prática vinculada à sociedade na qual está inserida, pode levantar discussões relevantes e expressivas sobre a organização social que, por sua vez, é produto das práticas e discursos produzidos ao longo da história. Exemplo disso é o fato de que o São Paulo *Fashion Week*, maior evento de moda do país, não recebe tantos negros em suas passarelas. Nesse sentido, compreende-se que, no Brasil, o racismo chega a todas as esferas da sociedade, ora de modo descarado, ora vestido por uma sutileza que, quando analisada, revela a exclusão do negro de espaços privilegiados.

REFERÊNCIAS

ABRIL, Publi. **Mídia Kit 2018**. Disponível em: <http://publiabril.abril.com.br/midia_kits?brand=elle> Acesso em: 18 de outubro de 2018.

ESTADÃO. **Dados de mercado**. Disponível em: <<http://publicidade.estadao.com.br/anuncio-no-site/estadao-pontocom-dados-de-mercado/>> Acesso em: 18 de outubro de 2018.

ESTADÃO. **História do grupo estado nos anos 1870**. Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1870.shtm> Acesso em: 18 de outubro de 2018.

FANTASMA, Laboratório. **Lab Yasuke**. Youtube, 18 nov. 2016. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=nkefFzfYTTQ>>. Acesso em: 18 de outubro de 2018.



Revista Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

FLORES, Ana Marta Moreira. **Twitter e semanas de moda: a cobertura-pílula das revistas Elle e Vogue.** V Simpósio Nacional ABCiber, 2011. Disponível em: <https://dadospdf.com/download/twitter-e-semanas-de-moda-a-cobertura-pilula-das-revistas-elle-e-vogue-_5a4ce64bb7d7bcab67297f65_.pdf>. Acesso em: 16 de outubro de 2018.

MODEL, Forum. **O que é e como funcionam os castings (Casting Model)?**. Disponível em: <<http://www.forummodel.com.br/blog/o-que-e-e-como-funcionam-os-castings/>> Acesso em: 16 de outubro de out 2018.

GLOBO, EDITORA. **Mídia Kit 2018.** Disponível em: <http://editora.globo.com/midiakit/vg/midiakit_vg.pdf> Acesso out 2018.

HALL, Stuart. **Cultura e representação.** Stuart Hall; Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. – Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HINERASKY, Daniela Aline. **Jornalismo de Moda: questionamentos da cena brasileira.** In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM 2006, Brasília, DF. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/95557153558942219470531530952779903516.pdf>> Acesso em: 31 de outubro de 2018.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência.** Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia_tab_xls.shtm>. Acesso em: 15 de outubro de 2018.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Indicadores IBGE: pesquisa nacional por amostra de domicílios contínua.** Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2421/pnact_2018_2tri.pdf>. Acesso em: 15 de outubro de 2018.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia – estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno / Douglas Kellner; tradução de Ivone Castilho Benedetti.** – Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e o seu destino nas sociedades modernas / Gilles Lipovetsky; tradução Maria Lucia Machado.** – São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário. Cor e raça na sociabilidade brasileira.** São Paulo: Claro Enigma, 2012.



Revista
Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

UOL. **Círculo Folha**. Disponível em: <<http://www.publicidade.folha.com.br/folhadigital/>>
Acesso em: 15 de outubro de 2018.

UOL. **Folha digital**. Disponível em: <<http://www.publicidade.folha.com.br/folhadigital/>>
Acesso em: 15 de outubro de 2018.

WEBINSIDER. **Métricas de audiência**: conheça os conceitos. Disponível em:
<<https://webinsider.com.br/metricas-de-audiencia-conheca-os-conceitos/>> Acesso em: 24 de
outubro de 2018.